

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM DESAFIO PARA O SÉCULO XXI**

Maria José dos Santos Cunha  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Vila Real / Portugal  
mjscunha@net.sapo.pt

### **Resumos**

Educar é cada vez mais uma tarefa exigente e de enorme responsabilidade que requer equilíbrio e coerência entre orientação formativa, procedimentos pedagógicos adoptados e expectativas dos implicados no processo. Levar esta tarefa a bom porto exige, da parte do professor, reunir um conjunto de saberes e competências que lhe permitam a construção de um ensino de qualidade. Um ensino capaz de atender às exigências da contemporaneidade, marcada pela multiculturalidade, complexidade, constante avanço científico e processos de permanente mudança. Contudo, porque a construção dos saberes dos professores tem na formação inicial a sua base de apoio e na formação contínua a sua consolidação, reorganizar o ensino superior português é repensar também a formação destes profissionais de educação. Assim sendo, a flexibilidade de percursos formativos que o processo subentende abre perspectivas de reforço da qualidade e abordagens inovadoras, potencialidades que devem ser rentabilizadas ao máximo no sentido de proporcionar a estes profissionais uma formação profundamente sólida, multifacetada, articulada entre si e consonante com a realidade que é educar, no século XXI.

### **Introdução**

Num quadro de intenso processo de globalização como o que se vive neste início de século, em que as forças de mudança influenciam significativas reconceptualizações a vários níveis, educar é cada vez mais uma tarefa exigente e de enorme responsabilidade que requer equilíbrio e coerência entre orientação formativa, procedimentos pedagógicos adoptados e expectativas dos implicados no processo. Levar esta tarefa a bom porto exige, da parte do professor, reunir um conjunto de saberes e competências que lhe permitam a construção de um ensino de qualidade, entendido este, como um ensino capaz de atender às exigências da contemporaneidade, marcada pela multiculturalidade, complexidade, constante avanço científico e processos de permanente mudança. O século XXI evidencia por isso, a importância, cada vez maior, da formação pessoal e profissional dos professores, para que estes possam pela sua competência e factores pessoais, associados a níveis de rendimento e desempenho elevados, contribuir para uma educação que leve o aluno a pensar, a reflectir, a formar conceitos, ao discernimento e a terem capacidade para aplicar o que foi elaborado para alterar a sua própria realidade, visando a inserção e o crescimento, isto é, indivíduos capazes de no futuro ajudarem a conduzir com sucesso os destinos do país.

## **1. Os saberes dos professores componente essencial da sua identidade**

O processo de construção dos saberes dos professores tem na formação inicial a sua base de apoio e na formação contínua a sua consolidação, constituindo-se a sala de aula não apenas como espaço de ensino, mas também de aprendizagem por parte do professor, ou seja, um espaço rico para o desenvolvimento tanto de práticas formativas como investigativas. E porque os saberes dos professores, as competências e o saber-fazer são o fundamento do acto docente no meio escolar, as instituições de formação devem valorizar essa formação, propiciando um saber orientado para uma transformação social. A este respeito Pimenta e Anastasious afirmam que nos processos de formação de professores,

(...) é preciso considerar a importância dos saberes das áreas de conhecimento (ninguém ensina o que não sabe), dos saberes pedagógicos (pois o ensinar é uma prática educativa que tem diferentes e diversas direcções de sentido na formação do humano), dos saberes didácticos (que tratam da articulação da teoria da educação e da teoria de ensino para ensinar nas situações contextualizadas), dos saberes da experiência do sujeito professor (que dizem respeito ao modo como nos apropriamos do ser professor na nossa vida). Esses saberes dirigem-se às situações de ensinar e com elas dialogam, revendo-se, redireccionando-se, ampliando-se, e criando [...] são as demandas da prática que vão dar a configuração desses saberes (2002: 71).

Diferentes instâncias de produção contribuem para os saberes dos professores, que são saberes plurais, compósitos, heterogéneos. Deles fazem parte também saberes pessoais, adquiridos no seio familiar; saberes provenientes da acção escolar e académica; de instituições que lhes administram formação; dos programas e livros didácticos que utilizam; dos discursos, objectivos, conteúdos e métodos que lhes são apresentados como modelos, ou ainda da sua vivência e experiências quotidianas na profissão, na escola e na sala de aula. Nesta, segundo Sacristán (1995), as influências informais na socialização são mais eficazes e decisivas do que as experiências formais. Estas influências e outras como os seus pares, demais actores educativos e a sociedade, contribuem de modo incisivo na construção do saber docente, na medida em que, como bem ilustra Nóvoa (1997: 25), “o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor”.

Os saberes do professor são construídos ao longo de toda uma carreira e vida do professor, razão que justifica que não sejam contemporâneos uns dos outros, uma vez que se vão adquirindo ao longo do tempo. São assim saberes temporais, em cuja construção intervêm dimensões identitárias, de socialização profissional, fases e mudanças, que se constituem num conjunto de conhecimentos, competências, habilidades e atitudes. Na óptica de Tardif, o saber docente “relaciona-se com a pessoa, com a sua identidade, com a sua experiência de vida, com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos na sala de aula com os outros

actores sociais na escola” (2002: 11). São saberes com origem distinta, que se constituem na acção e se edificam no trabalho e no conhecimento do meio social. São saberes que, *in fine*, alicerçam a prática do professor, constituem o seu acto de ensinar, são garantia da sua boa actuação, servem de base à estruturação da sua vida profissional, à sua relação com os alunos, com os colegas, em síntese, ao seu modo peculiar de ser professor.

## **2. A formação elemento de desenvolvimento pessoal e profissional**

A competência tem a ver com a capacidade do sujeito para mobilizar saberes, conhecimentos, habilidades e atitudes, resolver problemas e tomar decisões adequadas (Zabala, 1998). O facto de alguém possuir um elevado número de saberes ou competências não é, contudo, sinónimo de que seja um profissional competente, a isto se refere Perrenoud (2000), quando afirma que possuir conhecimentos ou capacidades específicas não é garantia de que um profissional seja “competente”, porque apesar de muitos profissionais possuírem conhecimentos e capacidades importantes, nem sempre sabem mobilizá-los de modo adequado no momento oportuno.

Segundo o entendimento de Freire (1983), o homem, enquanto ser histórico, está sempre à procura de algo, num processo permanente no qual faz e refaz constantemente o seu saber. Dessa forma, todo o saber novo é oriundo de um saber que passou a ser velho, que desencadeia para outro saber, que um dia se tornará ultrapassado e que num processo dialéctico irá gerar um outro saber. Não admira portanto que face às mudanças por que o mundo tem vindo a passar, o modelo de competências evidencie actualmente a preocupação de superar definitivamente acções e comportamentos que se limitam à padronização e repetição e se esgotam em si mesmo, passando a dar-se prioridade à articulação entre conhecimentos, habilidades, procedimentos, valores e atitudes. Tudo isto implica por outro lado, que as instituições de formação tenham de ter cada vez mais a capacidade de desenvolver uma formação sólida, integradora, sensível, na qual o formando participe activamente no processo de construção de conhecimentos, condição fundamental para a constituição de um perfil de profissional inovador, capaz de lidar de forma crítica e criativa — no que à sua prática profissional se refere — com as transformações que marcam a sociedade contemporânea. Um profissional que faz sempre escolhas conscientes, tem objectivos racionais e utiliza meios sensíveis para atingir os seus fins. Para conseguir actuar desta forma, Freire defende que

É preciso que o formando, desde o princípio da sua experiência formadora, se assuma como um sujeito da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (1996: 25).

No que à formação de professores diz respeito e dado que a simples agregação de saberes produzidos em diferentes áreas do conhecimento não significa a superação das abordagens

fragmentadas sobre como educar, necessário se torna construir competências, no sentido de as reconhecerem e implementarem no terreno através de uma acção que tenha como objectivo inter-relacionar ideias e conceitos interdisciplinares. Esta acção envolve saberes *multi* e interdisciplinares, profissionais e diferentes formações que se podem alcançar pela busca constante de inovação em termos de trabalho científico, pesquisa colaborativa, pensamento crítico e flexível, autonomia, concepção e ampliação de fundamentos científicos e tecnológicos. As razões expostas justificam o facto do professor do presente não pode ser apenas alguém que aplica conhecimentos produzidos por outrem, mas tenha de ser um sujeito que assume a sua prática pedagógica a partir dos significados que ele próprio lhe atribui. Alguém que, porque teve uma miríade de vivências com significados determinantes, é capaz de estruturar e orientar a sua prática, seleccionar determinados conteúdos, dar prioridade a certas actividades e aprimorar a competência de aprender a decifrar várias linguagens, percorrer diferentes motivações humanas, ampliar o seu leque de experiências. Alguém que é, sobretudo, capaz de cultivar as diferenças, criar oportunidades para expandir o conhecimento, ampliar a convivência e a sensibilidade na formação do aluno e se configura como modelo de competências e de uma cultura de excelência numa diversidade de imagens e representações. São aliás estes conhecimentos que permitem ao professor ser um profissional competente, o que no contexto educativo actual comporta da sua parte, ter a capacidade de articular, mobilizar e colocar em acção os conhecimentos adquiridos, as habilidades e os valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz das actividades que a natureza do seu trabalho requer. São estas competências e o desenvolvimento pessoal que no decurso da formação devem ser estimulados numa perspectiva crítico-reflexiva que permita ao futuro professor compreender as suas responsabilidades, porque na realidade,

O que distingue um profissional experiente de um novato não é tanto a quantidade de saber, mas a sua qualidade, a capacidade de relacionar, seleccionar, ajustar, adaptar ao contexto, prever, pôr em acção e sua flexibilidade cognitiva e fazê-lo com rapidez, espontaneamente e sem esforço (Alarcão, 1996: 29).

Justifica-se, sobretudo, nessa formação, uma necessidade de mudança do paradigma de ensino, de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências, ou seja o passar-se da centração no ensino para a centração na aprendizagem do formando, com a finalidade de o levar a aprender, a adquirir competências, a aprender a aprender. Uma formação que proporcione, para além do desenvolvimento das chamadas competências técnicas, um conjunto de competências transversais e sociais, que promovam: capacidades, qualidades pessoais, o sentido da responsabilidade, a flexibilidade, a criatividade, o desenvolvimento integral do formando e que o torne aberto à mudança, ou seja, que lhe dê a conhecer os elementos fundamentais do seu campo de trabalho para que possa encetar com o mínimo de segurança o seu percurso profissional.

No contexto do processo de Bolonha reorganizar o ensino superior português é repensar também a formação de educadores e professores. A flexibilidade de percursos formativos que o processo subentende abre perspectivas de reforço da qualidade e abordagens inovadoras, potencialidades que devem ser rentabilizadas ao máximo no sentido de proporcionar a estes profissionais de educação uma formação profundamente sólida, multifacetada, articulada entre si e consonante com a realidade que é educar, no século XXI. A formação inicial dos professores como responsáveis na formação de novas gerações, não pode portanto ser aligeirada, deve antes ser constituída por um corpo de conhecimentos que lhes proporcione uma educação sólida, multifacetada e multidisciplinar, nela se incluindo uma vertente educacional geral e específica, formação cultural, pessoal, social e ética. Conhecimentos fundamentais para que na suas interações com situações reais, quando acompanhadas de reflexão, questionamento e experimentação, adquiram um conjunto alargado de competências, capacidades e atitudes de análise crítica, inovação e investigação pedagógica. Estas competências irão, por certo, reforçar a bagagem dos que possuem já um conjunto de dons inatos, mas tornará todos mais aptos à construção de respostas às mutações decorrentes de uma sociedade assente no conhecimento. Grilo opina, a propósito, que a formação “constitui a pedra fundamental com a qual o cidadão se vai afirmar ao longo da sua carreira profissional e, sobretudo, a base essencial que lhe vai permitir a reciclagem, a reconversão, a actualização e a própria mobilidade profissional” (2002: 46). Contudo, esta formação por que entendida como um momento estruturante de uma formação continuada necessita ser reforçada. É que apesar de tudo, os saberes nela adquiridos não são suficientes, daí decorrendo a necessidade de mais formação e aquisição de novas competências, uma vez que o ser humano não é perfeito e como tal, a sua educação, aprendizagem e formação, têm de ser contínuas. Necessita, por conseguinte, o professor de pôr na sua bagagem continuamente muita informação, pontapear as dificuldades e avançar, como forma de ultrapassar os seus limites e fronteiras. Por todas as razões expostas a formação, que tem em vista a aquisição de novas competências ou o desenvolvimento e melhoria das existentes, é actualmente um processo mais competitivo, embora seja também, mais atractivo. Ela é, na realidade, o primeiro passo para a mudança e concede ao formando no dizer de Ferreira (2007: 21), “a possibilidade de desenvolver emoções, de reorientar saberes e de construir competências torna-o simultaneamente, *sujeito* e *agente* da sua transformação. É *sujeito* porque assume a capacidade de se transformar. É *agente* porque, voluntariamente, intervém na sua transformação”. Não admira, portanto, que para ser bom na profissão seja preciso investir na formação.

### **3. Ser professor na contemporaneidade**

Um dos desafios que actualmente se coloca tem a ver com o preparar os elementos das novas gerações com determinadas competências que os ajudem a lidar com os desafios que doravante lhes são colocados. Conseguir-lo é, em parte, função do professor — um todo resultante de um somatório de expressões apropriadas e objectivações que são representações de uma história pessoal e profissional — cujo desenvolvimento permanente se deve constituir na rotina diária. O estudo pessoal em grupo, o trabalho de pesquisa e as actividades de consulta com colegas e superiores, aliados à utilização de novos recursos e novas abordagens, constituem exemplos de uma nova visão deste desenvolvimento profissional, que deve permitir e conduzir à melhoria do desempenho dos alunos e ao desenvolvimento de determinadas competências.

A natureza múltipla do conhecimento e dos seus processos, exigem do professor que saiba, sobretudo, dominar e compreender as novas linguagens e experiências, bem como saber articulá-las com uma outra competência, baseada no processo de mediação e diálogo com os alunos. Processo em que o professor deve ter um papel essencial, para que a partir da sua intermediação todos possam informar, comunicar, discutir, participar, criar, estimular o acesso a novas linguagens, como forma de ampliar o grau de compreensão e as vivências dos sujeitos.

As formas de produção e apropriação dos saberes, que se constituem actualmente como uma das áreas centrais de reflexão da educação devido às transformações pelas quais a sociedade contemporânea está a passar, têm vindo também a modificar-se. O trabalho na sala de aula é agora um trabalho colectivo — professor/aluno — que exige comprometimento, abertura ao diálogo, respeito mútuo, ética, cooperação e espírito crítico. Ingredientes imprescindíveis à criação de um clima favorecedor do estudo, troca de experiências, reflexão tomada no colectivo de decisões e co-responsabilidade pelos resultados alcançados. Uma forma para, com criatividade, se procurarem construir alternativas para as dificuldades sentidas, considerando sempre os interesses dos sujeitos a promover e o real crescimento de todos, uma vez que “se tem agora consciência que para uma sociedade ser salva da estagnação e para o indivíduo atingir o seu pleno desenvolvimento, qualquer sistema de educação deve encorajar a criatividade” (Martins, 2000: 11). Para o efeito, o professor tem de se vincular mais aos alunos e a escola centrar-se mais nos processos do que nos conteúdos ou resultados e dar ênfase ao desenvolvimento pessoal.

O saber-ensinar do professor apoiado na sua experiência de trabalho, bem como em factores cognitivos como a sua personalidade, talentos diversos, entusiasmo, amor à profissão (apesar de os professores já terem tido dias melhores), conhecimentos partilhados na sala de aula e com os seus pares, será fonte privilegiada para os desenvolver. Um fazer pedagógico que implica a

presença de sentimentos para que se não produza uma prática alienante e alienadora, em que os componentes, professor/aluno, perdem os significados humanos. A esta inseparabilidade do eu e da profissão, refere-se Nóvoa da seguinte forma:

Aqui estamos. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser (1992: 17).

Para além de tudo o mais, uma prática que tem por finalidade o crescimento e desenvolvimento, tem forçosamente de ser uma prática que integra todas as esferas do ser. Na óptica de Benavente (1993: 13),

(...) mudar as práticas, para além de simples recomposições superficiais, supõe a transformação dos quadros de referência que as fundamentam e lhe dão sentido. Daí ser esta uma realidade muito difícil de mudar, de planificar e de programar do exterior, sem envolvimento dos protagonistas, sem a sua vontade de mudar.

Mas, porque hoje em dia o que está em causa é a construção do homem novo — um homem capaz de reflectir, de desenvolver capacidades criativas, de expressão simbólica e estética, de se motivar, de ser capaz de estabelecer uma relação ética com os demais e compreender a importância das relações de interdependência com o seu meio ambiente — cabe ao professor promover, a partir do seu conhecimento, alternativas ao modelo de educação da sociedade capitalista, como forma de impedir que se venham a conhecer, num futuro próximo, as consequências de um modo de vida pautado exclusivamente por uma racionalidade instrumental, económica e artificial, em que a sociedade, em vez de se centrar no homem, se centra no mercado.

O novo professor tem de ser capaz de desenvolver habilidades para entender os parâmetros culturais vigentes e ter como prática a criação de sujeitos que sejam autores do seu mundo e da história. Não pode por isso ter um conhecimento exclusivamente académico, racional, teórico, construído através da experiência e sim um saber que o capacite para gerenciar a informação disponível e saber adequá-la ao contexto e à situação formativa que se situa, sem perder de vista os objectivos traçados. Desta forma, torna-se possível a experiência comunicativa, porque professor e alunos se envolvem numa tarefa comum e porque gostam dela, partilham o prazer ligado a esse desempenho e sentem-se unidos numa cumplicidade saudável.

Neste início de século, ser professor é ser capaz de ensinar porque se é capaz de aprender com os alunos a pensar, a organizar, a experimentar e a trabalhar cooperativamente. É ser-se capaz de reforçar a decisão de aprender dos jovens e de estimular o seu desejo de saber, o que implica desenvolver as suas competências de aprenderem a pensar, a fazer, a ser, a conhecer e a conviver. É ser exemplo, na medida em que se fala uma linguagem na qual o aluno identifica respeito, sabedoria, comprometimento e verdade é não desejar a padronização e aceitar que cada um dos seus alunos é diferente e tem o seu ritmo próprio.

Nos dias que correm muitos são no entanto, os desafios e constrangimentos que afectam a capacidade dos professores para se empenharem profissionalmente e para desenvolverem as suas competências, de forma a melhorarem a educação e os resultados escolares das crianças e dos jovens de cujas experiências e aprendizagens são responsáveis. O sentido do desenvolvimento profissional dos professores depende das suas vidas pessoais e profissionais e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua actividade docente e nesse aspecto os ventos que sopram não têm sido os mais favoráveis.

## **Conclusão**

A qualificação real dos professores passou a ser associada a um conjunto de competências, habilidades, saberes e conhecimentos que provêm de várias instâncias, nomeadamente da sua formação geral, profissional, experiência de trabalho e experiência social, deixando por isso de ser, tal como o era no passado, uma qualificação que se podia observar, dado constituir-se mais ao nível do “saber ser” do que do “saber fazer” para passar a ser constituída por competências que o próprio põe em acção numa situação concreta de trabalho. Dessa qualificação faz parte um conjunto articulado de vários saberes, fruto de diferentes esferas formais, informais, teóricas e práticas que permitem, numa dada situação, resolver problemas, fazer face a situações imprevistas e mobilizar a inteligência de forma a enfrentar os desafios que no desempenho do seu trabalho surgem. Estas qualificações são essenciais para que o professor neste início de século funcione como peça fundamental no processo de ajudar a ultrapassar as dificuldades concretas, mas também e o mais importante, de encorajamento dos alunos e no fazer com que acreditem na sua capacidade para resolverem as situações adversas, com que se confrontam. Assim o papel do professor no quadro de um ensino inovador, é cada vez mais marcado pela preocupação em criar situações de aprendizagem estimulantes, desafiar os alunos a pensar, apoiá-los no seu trabalho, favorecer a divergência e a diversificação dos percursos de aprendizagem, tornando-se desta forma em factor facilitador de um processo de mudança.

## **Bibliografia**

- Alarcão, I. (1996). *Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Benavente, A. (coord.) (1993). *Mudar a escola, mudar as práticas. Um estudo de caso em educação ambiental*. Lisboa: Editora Escolar.
- Freire, P. (1983). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.



- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Paz e Terra..
- GRILLO, Marçal (2002). *Desafios da educação. Ideias para uma política educativa no século XXI*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Nóvoa, A. (org.) (1992). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora.
- Nóvoa, A. (1997). Formação de professores e profissão docente. In Nóvoa, A. (coord.). *Os professores e sua formação* (pp.9-33). Lisboa: Dom Quixote.
- Martins, V. M. T. (2000). *Para uma pedagogia da criatividade*. Porto: Asa Editores.
- Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: ArtMed.
- Pimenta, S. G. & Anastasiou, G. C. (2002). *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez.
- Sacristán, J. G. (1995). Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In Nóvoa, A. (org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed.